

O memorialista e seu sacrifício: memória, entrevista e documento em perspectiva interdisciplinar

The memorialist and his sacrifice: memory, interview and document in an interdisciplinary perspective

Sílvia Maria do Espírito Santo

Universidade de São Paulo (USP), Brasil
silesan@usp.br

Cláudia Leonor Guedes de Azevedo Oliveira

Universidade Lusófona, Porto /Museu da Pessoa, Brasil
claudialeonor.oliveira@gmail.com

Herika Maria da Silva Aguiar

Universidade de São Paulo (USP), Brasil
herikamaguiar@usp.br

Luís Paulo Césari Domingues

Museu Pessoa, Brasil
luip88@yahoo.com.br

Guilherme Mapelli Venturi

Universidade de São Paulo (USP), Brasil
guilhermemapelli@usp.br

Resumo

Este artigo analisa duas práticas comuns que envolvem os pesquisadores da Ciência da Informação, Jornalismo e História: o documento e a entrevista, práticas essas que são sustentadas pelos conceitos de memória e pela busca da interdisciplinaridade. A metodologia origina-se dos elementos identificados nos estudos regionais, instrumentalizados pela coleta de depoimento oral, em

Abstract

This article analyzes two common practices involving researchers in Information Science, Journalism and History: the document and the interview. These practices are supported by the concepts of memory and the search for interdisciplinarity. The methodology originates from the elements identified in the regional studies, using the collection of oral testimony, in an exploratory character.

caráter exploratório. Dos objetivos teóricos e práticos, destaca-se o contributo investigativo, balizado nos pressupostos de que a memória convoca reconstruções históricas que se fazem presentes na atualidade, sendo projetada, a partir do passado, e reinterpretada por agentes de diversas expressões acadêmicas e culturais. Os resultados são enumerados quanto às inferências sobre o estudo documental da história regional, com destaque para os usos da entrevista e do documento, que são, ao mesmo tempo, individuais e coletivos, em função das perspectivas inseridas nas construções, reconstruções e fraturas sociais do passado, em especial na figura do memorialista local.

Of the theoretical and practical objectives, the investigative contribution stands out, based on the assumptions that memory calls for historical reconstructions that are present today, being projected, from the past, and reinterpreted by agents of different academic and cultural expressions. The results are enumerated as to the inferences about the documentary study of regional history, which highlight the uses of the interview and the document, which is, at the same time, individual and collective, due to the perspectives inserted in the constructions, reconstructions and social fractures of the past, especially in the figure of the local memorialist.

Palavras-chave: Ciência da Informação. História. Memória. Documento.

Keywords: Information Science. Story. Memory. Document.

Apresentação

O conceito sobre memória compõe-se de noções amplas, advindas das diversas áreas do conhecimento, significando o lócus entre o passado e o presente, nas mediações das interpretações e recriações das experiências vividas, constituído nas lembranças, nos acontecimentos, nos fatos e em uma lista de dezenas ou centenas de termos, entre os quais estão presentes os entendimentos que diferenciam e aproximam documentos e monumentos, na perspectiva trabalhada por Le Goff (1984).

As edificações dos monumentos tidas como valores inerentes às sociedades que os produzem em determinados contextos destacaram-se recentemente nos noticiários – encontrando terreno abundante para o questionamento sobre qual memória deve ser registrada, sistematizada, armazenada e reverenciada – a partir de imagens que circularam tanto pelos meios de comunicação de massa, quanto pelos dispositivos digitais. Nestes espaços um evento pontual, mais especificamente uma ação policial inadequada, deu origem ao movimento “Vidas Negras Importam”, primeiramente nos EUA, que rapidamente espalhou-se por diversos países, fazendo emergir a questão do preconceito racial, ao envolver afrodescendentes de todos os continentes, que se comoveram e agiram contra ou em protesto ao assassinato de George Floyd¹. São sentimentos humanos, solidários e extensivos às sociedades, duramente escravizadas e colonizadas que, hoje, são valorizados no (pelo) campo de trabalho dos pesquisadores, jornalistas e quaisquer interessados nas questões da justiça social, da história e da cultura.

¹ George Floyd morreu em 25 de fevereiro de 2020, após abordagem policial realizada. Derek Chauvin, policial branco, de Minneapolis, imobilizou-o ajoelhando-se sobre o pescoço do afrodescendente, por mais de oito minutos; atitude que resultou na sua morte. A ação toda foi filmada por meio de dispositivo móvel digital e partilhada por centenas de utilizadores de redes sociais. A frase dita por George “Sir, I can’t breath” virou sinônimo de uma ação mundial, que questionou o valor e as atitudes para com as heranças da escravidão. Houve manifestações em diversos países, incluindo a derrubada de esculturas que homenageavam mercadores de escravos. A partir desses acontecimentos, a cena pública foi tomada pela discussão sobre qual memória se perpetua, a partir dos monumentos diversos.

Os jornais nacionais e internacionais, pautados pela comunicação que circula nas redes digitais, identificam-se ao exporem a polêmica atual: os protestos das populações questionam essa memória histórica que se revela em monumentos públicos e, por conseguinte, abrem o debate entre o preservar e o destruir dos documentos edificadas que depõem contra a dignidade de povos subjugados, a favor de outra parcela da população. Hoje, assim como no passado recente (dos anos de 1960) são esses monumentos que recebem as violações, pichações e remoções por comunidades de diferentes países, em diferentes momentos históricos, como forma de protesto. A título de exemplo: o derrame de tinta vermelha sobre a escultura do Borba Gato e sobre o Monumento às Bandeiras, em São Paulo, em setembro de 2016; a frase pichada “peixe racista”, em Copenhague, em julho de 2020, na base da escultura “Pequena Sereia”, em referência ao conto de Christian Andersen; e por fim, as pichações de suásticas em 90 sepulturas de um cemitério judeu, no vilarejo de Quatzenheim, leste da França, em fevereiro de 2019.

Nessa perspectiva, desse caldeirão perturbador, com momentos de convulsões políticas e rupturas sociais, tornam-se contemporâneos e urgentes os estudos das memórias e das localidades para um contributo de consciência e de ações educativas. O presente artigo percorreu determinados conceitos e concepções como memória e documento, aplicados nas áreas em questão e tomados como categorias “*halbwachsianas*” – a partir da definição de memória individual e memória coletiva – para permitir a análise do entendimento social que um depoimento e/ou documento, estruturado na perspectiva de uma rememoração, convoca. Esse viés se dá pelo fato de que eles são coletados por técnicas de entrevista, o que permite referenciar e estudar os sentidos das diversas significações às quais os indivíduos estão vinculados, socialmente, com o conceito de Memória.

Os argumentos da pesquisa tiveram apoio de autores clássicos dos estudos da Memória como Jacques Le Goff (1984), Jöel Candau (2013), Maurice Halbwachs (1990), bem como de autores de áreas afins tais como Esperança (2006), Silva (2009), (2020), e Walter Benjamin (1994).

Essas opções tornam-se possíveis, porque a transdisciplinaridade da Ciência da Informação (C. I.) atribui, a quem com ela se envolve, inúmeras vertentes de estudos. Uma delas é a análise do documento e da parte dos processos informacionais pós-análise documental, caracterizando-se pelo estudo, processamento, transformação e mediação da informação do documento selecionado. Consciente da característica social da informação, a C. I. pode ser entendida como uma ciência social, ligada aos estudos da sociedade e aos fenômenos informacionais. Ao analisar a história da área de conhecimento, percebe-se uma ciência interdisciplinar capaz de nortear a teoria e a prática das disciplinas instrumentais ou operativas (Silva, 2009).

Objetivos

Dos objetivos principais, teóricos e práticos, destaca-se o contributo investigativo, balizado nos pressupostos de que a memória convoca reconstruções históricas que se fazem presentes na atualidade, sendo projetada a partir do passado e reinterpretada por agentes de diversas expressões acadêmicas e culturais. Os investigadores do Grupo Pítia buscaram contribuir com a reflexão pertinente aos processos de pesquisa qualitativa, nos quais se apresentaram as contradições entre a feitura de documentos e o uso deles frente aos aspectos inerentes à produção da entrevista. O segundo objetivo aprofunda o papel do entrevistado e a narrativa histórica.

A Sociedade da Informação fomenta a dinâmica social, relacionada à dinâmica informacional, na contemporaneidade, da qual a informação é parte. Nesse contexto, as discussões e outros conceitos são estabelecidos a partir do pensamento científico, destinado a desvendar tal fenômeno. Importa aqui identificar definições presentes na teoria, na oralidade e na memória – relacionados aos documentos, na tentativa de fundamentar o “conhecimento científico em torno de seu objeto – a informação” (Castro, Melo, Seabra & Costa, 2011, p. 12)

A oralidade e a memória são informacionais, pois estão essencialmente ligadas aos processos da informação e, de forma indireta ou direta, figuram como questões relevantes, por meio das quais se produzem documentos, originando os diversos gêneros documentais, distintos pela intencionalidade e pela objetividade, influenciando, diretamente, na análise documental.

Esses documentos são, também, produzidos pela sociedade por meio das demandas pessoais dos indivíduos e podem ser encontrados nas instituições produtoras (órgãos públicos, como por exemplo, a Justiça Federal) ou nas instituições guardiãs de acervos, estas caracterizadas pela gestão e custódia do documento, tal como pela mediação para o acesso da sociedade ao acervo. Assim, certidões, alvarás, decretos, leis, entrevistas, depoimentos, entre outros, são fontes de informação de pesquisa e análise social e representam direitos sociais do cidadão que deve ter livre acesso aos documentos de arquivos públicos.

Como mencionado anteriormente, a entrevista consiste em fonte específica de informação, pois é o depoimento de um indivíduo acerca de um acontecimento, a partir do qual a história se conta pela narrativa, sob a perspectiva de alguém que transmite seu conhecimento, identificado como memórias atribuídas individualmente, compostas ou excludentes das memórias coletivas. Esses “estoques informacionais” é que norteiam, muitas vezes, os estudos sociais e direcionam pesquisas para atender argumentos, premissas, teses.

A entrevista é objeto reconhecido para a construção da informação dentro das Ciências Sociais, como a História, o Jornalismo, o Direito, que a chama de depoimento e pode, inclusive, carregar uma semântica negativa ou inibidora, por ser associado ao diálogo colhido em inquéritos associados à justiça ou à segurança social. Essa ferramenta metodológica é – ou ao menos deveria ser – essencial para a construção informacional.

Os relatos pessoais obtidos de entrevistas direcionadas à pesquisa são primordiais para se compreender um lugar social, um momento histórico e as condições humanas nas sociedades. Afinal, a história é multilateral e assim deve ser narrada.

Esperança (2006) aponta essa questão conceitual sob a óptica do jornalismo, exemplificando a questão do depoimento e da testemunha, ou seja, “[...] muito mais do que compreender, a testemunha quer afirmar o que viveu” (idem, p. 237), e mais adiante, ela sobrepõe o testemunho como evidência que transcende o conhecimento obtido pela informação midiática, por exemplo, que hoje é o veículo de construção da história.

Para ampliar o entendimento, a entrevista é o meio pelo qual se obtêm os relatos (dados), figurando, em conjunto com o depoimento, que são fontes da informação. Eles devem ser registrados em suportes específicos, seja físico ou digital.

Explorando esse caráter interdisciplinar da entrevista / do depoimento, tem-se que o jornalismo sem depoimento é praticamente inexistente, pois quase sempre se alimenta de fatos presentes e, conseqüentemente, de depoimentos sobre o acontecimento que se há de noticiar. O depoimento é a base para a construção da notícia (informação) e, muitas vezes, são esses dados obtidos que dão ensejo à formação de opinião. Sob essas reflexões, é de se perceber a dificuldade que as disciplinas instrumentais da Ciência da Informação têm de reconhecer o testemunho ou o depoimento como elemento informacional, passível de processamento, tratamento e mediação, para que então esteja em domínio público.

Dessa forma, ao reconhecer o jornalismo como uma disciplina operativa da Ciência da Informação, propõe-se que museólogos, arquivistas e bibliotecários ocupem-se do tratamento e do processamento dessa modalidade informacional, disponibilizando-a em suporte adequado para que se transforme em fonte e, dessa maneira, esteja apta a construir a informação.

Desse modo, os demais profissionais da informação, assim como historiadores e os próprios cientistas da informação, utilizam-se dessas atividades. Diante desse cenário, esses últimos precisam se reconhecer como criadores de conteúdo, com autonomia para identificar informações importantes, agir como filtros e disseminar essas informações, contribuindo para o processo informacional dentro das sociedades em que estão inseridos. Para isso, Esperança (2006) pondera a importância de “[...] ensaiar uma reflexão em relação ao papel constituinte da fonte do relato e da testemunha na História e no Jornalismo, tentando analisar, neste percurso, as aproximações e as especificidades de cada uma dessas áreas de conhecimento [...]” (Esperança, 2006, p. 236).

Por tudo, importa que pesquisadores, historiadores, jornalistas e cientistas da informação ocupem-se do estudo da natureza e da função da entrevista nos processos de produção informacional, com ênfase à oralidade e às memórias existentes dentro de cada narrativa construída, ressaltando contextos nos quais estão inseridos, de maneira a aproximar-se das práticas e das teorias jornalísticas. Necessário, ao final desta reflexão, reconhecer que há um espaço de transição entre a narrativa pessoal e a realidade, o que se pode observar do ponto de vista dos conceitos de verdade, de autenticidade, de conteúdo informacional, de lugar social, de intencionalidade, de evidência, de memória coletiva, de construção da memória e de prova. É de aplicação da Ciência da Informação, assim como da História e do Jornalismo, o tratamento da informação, proveniente do depoimento/entrevista, a partir do eixo da subjetividade, considerando o entrevistado e o entrevistador (Esperança, 2006).

Metodologia

A metodologia baseou-se nos elementos identificados em estudos regionais, instrumentalizados pela coleta de depoimento oral, para confrontar questões sobre a memória, além de analisar a entrevista e o documento e, finalmente, possibilitar a composição do texto, no qual se destaca o contributo investigativo. Os pressupostos da História da Cultura de que para o uso da memória as reconstruções históricas são fundamentadas e se fazem presentes na atualidade, postulam-se por meio do seguinte excerto:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma de que a memória colectiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (Le Goff, 1984, p. 47)

A partir do quanto exposto, a memória é considerada um recurso de projeção e reconstituições de fatos a partir do passado; todavia, é reinterpretada por agentes de sua própria história, em narrativas diversas e em seus respectivos registros.

A análise de uma entrevista² enquanto documento elaborado, ou seja, como fonte histórica produzida na relação entrevistador-entrevistado, para efeito deste artigo reconhece que os dados fundamentam os acontecimentos históricos, desde que estejam sob o ponto de vista regional e associados aos eventos, acontecimentos e fatos que se constituem como uma das provocações mais recentes, quando dirigidas às instituições estabelecidas pelas sociedades complexas.

Frente aos registros das notícias, dos documentos históricos e dos julgamentos de monumentos, bem como da intencionalidade com a qual foram erigidos (os quais compõem a paisagem das cidades e fazem parte de seus patrimônios culturais) cabe aos historiadores e demais pesquisadores de várias áreas das humanidades dedicarem-se ao estudo da complexidade social, pautados pela memória, a respeito do uso e da aplicação dos documentos – sejam eles textuais, orais, iconográficos ou escultóricos. Estudos que possibilitem o rompimento do silêncio entre a relação da academia com as estruturas sociais conservadoras, isto é, que propiciem tomá-los para além da ilustração e certificação de hipóteses, para assumir, então, o destaque sob o viés de produção científica de natureza orgânica, entre a relação de documento e de monumento, segundo a perspectiva da interdisciplinaridade do conhecimento.

A contribuição reflexiva dos limites desta pesquisa³ em específico, baseada nas fontes primárias, documentais e narrativas – por vezes destinadas à interpretação dos documentos e monumentos fixados na paisagem urbana – é operada por meio da leitura crítica dessas significações, ou seja, das aferições dos documentos produzidos⁴, quer sejam de arquivos institucionais, quer daqueles criados ao longo da pesquisa, assim como as esculturas edificadas sob o torvelinho do passado recente.

Portanto, partiu-se da seguinte pergunta retórica: tomando como ferramenta de análise uma entrevista, quais as reflexões que se estabelecem – para os pesquisadores – acerca da narrativa histórica sob a perspectiva de um memorialista?

“A memória acompanha cada instante de uma vida” e evidentemente está ligada ao tempo (Candau, 2013, p. 62), de maneira a possibilitar a restituição dos fatos, apenas por meio de análise e interpretação do investigador.

As indagações divergem-se quanto às linhas de busca do tempo domesticado pelos documentos textuais, transcritos orais, fotografias amareladas e digitais planificadas nas memórias eletrônicas, ou seja, no que concerne aos bancos de dados produzidos nas instituições e disponibilizados às análises científicas. Todavia, alguns autores contemporâneos vêm aferindo as análises a respeito da memória

² Entrevista exploratória, realizada, em fevereiro de 2019, pelos profissionais do Museu da Pessoa no âmbito da pesquisa exploratória do Projeto Memórias do Comércio de Ribeirão Preto.

³ Limites trazidos, parcialmente, pelo contexto de isolamento físico, demandado ao longo de 2020, decorrente da pandemia do novo Coronavírus.

⁴ Refere-se aos documentos provenientes de famílias, instituições e de memorialistas.

construída a partir dos “documentos produzidos”. Dessa forma, para analisar o sentido da questão que coloca o Homem no centro das relações das memórias locais e regionais,

Roger Schank sustenta que o fato de se contar uma história não se trata de uma simples repetição, mas um real ato de criação: ‘É o processo de criação própria da história que cria a estrutura mnemônica que conterà a essência dessa história para o restante de nossa vida. Falar é lembrar-se.’ (Schank, 1995, p. 154 *apud* Candau, 2013).

Enquanto função social, essa construção tem uma função: ao manifestar frequentemente a nostalgia por um passado pintado em cores dos “bons velhos tempos”, o narrador entrega-se a uma crítica da sua sociedade atual que pode revelar a exigência subjacente de mudança para o futuro (Candau, 2013, p. 168).

A procura da autenticidade – no interior das coleções monumentais, documentais, textuais, audiovisuais e sonoras, das séries e subséries, dos objetos museológicos, armazenados nas reservas técnicas, ou das residências familiares – continua sendo um princípio orientador para os pesquisadores que se utilizam de fontes documentais. Contudo, a articulação delas tem se mostrado como intersecção vital para dar acesso às significações das dimensões sociais relevantes, seja a partir da prática epistemológica pós-Bloch (Burke, 1992), seja ao tomar o documento no sentido da construção, distanciando-se de um olhar investigativo, apropriadas do plano informativo, ou seja, daquilo que é circunscrito à superfície documental para recriar os sentidos interpretativos.

Por se tratar da construção histórica e não do foco em um ato isolado tal qual um fato jornalístico (ou pontuar a interpretação pela velocidade informativa das redes sociais), o que importa é a efemeridade das imagens, formadas pelo plano da memória subjetiva, das classificações mentais e sociais. A multiplicidade dos tempos sociais (*idem*) requer observação da operação da memória em situações de grandes rupturas de valores coletivos e que submeta o sujeito ao esquecimento, ao desaparego ou à crítica e ações coletivas (Halbwachs, 1990). Portanto:

Esta memória portadora de uma estrutura possível é sempre uma memória viva. Por outro lado, esta construção pode mudar na sua forma e no seu conteúdo porque o sujeito ‘presentifica’ a informação lembrada. O estado emocional do narrador, as suas afeições, podem ter um efeito sobre a natureza das recordações evocadas, sem que se possa realmente determinar se a qualificação feita do acontecimento passado quando ele é lembrado é devida aos seus caracteres próprios ou antes à projeção da tonalidade afetiva do próprio momento da reminiscência. Seja como for, o sujeito num estado triste terá mais tendência para se lembrar das experiências qualificadas elas próprias como tristes, dando assim de uma certa forma uma visão enviesada da sua própria vida (Candau, 2013, p. 168).

A partir do tratamento conceitual de Candau (2013) sobre as reminiscências, pode-se substituir “o sujeito num estado triste” por “o sujeito crítico de sua própria existência”. Nota-se o papel importante das instituições de guarda da memória⁵ e dos agentes sociais da memória (memorialistas), nas quais sempre residem e fabricam-se os “packets” de produção da representação da memória. Elas são os museus, os arquivos, centros de documentação e bibliotecas, onde as semelhanças das funções sociais,

⁵ Apesar das dificuldades, de toda ordem – de gestão financeira, de recursos humanos, de conservação e de mediação de acervos – as instituições são credenciadas pelo público a realizarem curadorias de responsabilidade educativas, científicas e culturais.

institucionais e críticas residem no cumprimento do papel social delas, aplicadas em diferenciadas metodologias, ao processarem os registros e o acesso ao que se considera como memória: coleções, objetos, fundos documentais etc.

No espaço da rua, no horizonte, estão os monumentos e o estudo de suas informações, possíveis pelo seu entrelaçamento com a semântica da memória coletiva, que norteia a relação dos contextos culturais moldados na sociedade (Le Goff, 1984).

Resultados

O estudo coletou e analisou informações de uma entrevista produzida em formato de depoimento sob a luz da teoria emergente da História Cultural, pela perspectiva de inserção na discussão referente à Ciência da Informação, a respeito do fenômeno da informação e da memória. As práticas de tratamento da informação relacionam-se com áreas fecundadas das Ciências Sociais Aplicadas e, principalmente, com a História Cultural, na produção de conteúdos. São sínteses e mediações possíveis, a partir de classificações, como é o caso das práticas da Ciência da Informação, ao inserir o estudo de contexto e acesso público à informação.

Interessante constatar que a função probatória do documento torna-se discutível em relação à “autoridade” adquirida pelo memorialista. Na condição de colecionador de documentos, essa figura dedicou-se à formação da coleção particular, validada pelas abordagens das narrativas significantes da história do povoado. O entrelaçamento da vida pessoal e da história local destaca a unidade familiar e seus lastros remotos, que foram por ele tomadas como memória pertencente à coletividade e, assim, autorizada pela comunidade. Apesar da coletânea documental produzida por ele – de sentido local e em formato de fotocópias – o conjunto possui a organização de um acervo pessoal que, se investigado, poderá revelar e expor, com evidências, as fronteiras entre ciências e narrativas populares da história. Outrossim poderá revelar coerência ou incoerência do agente social e, pela busca da oficialização de fatos, trazer interpretações subjetivas dos acontecimentos do passado.

O memorialista e seu sacrifício

Sobre a contraposição entre fundo e coleção ele não conhece nada. Não há um único ponto, uma única fala, nem mesmo uma referência que remeta seus ouvintes ao universo acadêmico. Mas há, de sobra, a obstinação pela construção da história de seu povoado, que em última análise é, ou deve ser, a própria história desse memorialista dos rincões do interior de São Paulo. Seu ser colecionador está ligado à sua história de vida e a seus anseios de prova diante de um passado que teria sido mal registrado, de forma proposital, pelas elites da cidade vizinha.

Em “O Sacrifício” (1986), o cineasta soviético Andrei Tarkovsky traz a história de um homem de idade avançada, poeta, escritor e professor de estética aposentado, que vivia com sua família em uma casa isolada no litoral da Suécia. Trata-se de um filme de ficção que aborda a fé e o sacrifício, na perspectiva das ações humanas. Na primeira cena do filme, o personagem principal explica para seu pequeno filho, através de uma parábola, que a árvore morta à frente deles pode voltar à vida. Seu renascimento depende assim do sacrifício de subir a colina todo dia e regá-la, bem como na crença de que a árvore vai viver novamente. Seu amigo, o carteiro Otto, é um colecionador de eventos, função para a qual

não é preciso necessariamente obter-se nenhum documento ou utensílio: basta acumular os eventos na mente, construindo assim uma nova realidade. Ao longo do filme é iniciada a Terceira Guerra Mundial, e o protagonista começa a procurar um ato de renúncia, de sacrifício humano de sua parte, que pudesse impedir a continuação da guerra.

Sob certos aspectos, ocorrem coisas similares com o referido personagem do pequeno povoado do interior paulista. Ele é um colecionador de eventos, todos descobertos e revelados por ele. No povoado figura como memorialista, indicado por todos quando o assunto é a história local e regional, personificando também, tal qual o filme de Tarkovsky, o sacrifício. Um sacrifício de um homem comum, simples, funcionário público aposentado que dedica sua vida a construir a “verdadeira” história do rincão paulista.

Tudo em sua casa é apresentado com o intuito de fazer o interlocutor acreditar nas afirmações acima. Inicialmente, a partir da arquitetura antiga e austera que acompanha as casas seculares do entorno, situadas na colina vizinha ao centro do núcleo urbano, com suas telhas “feitas nas coxas dos escravos”. No interior da moradia, uma sala repleta de relógios antigos e cucos, que dão a hora certa de 15 em 15 minutos – ou de meia em meia hora? É como se o memorialista atestasse inconscientemente que tem a guarda da história local, monitorando até o tempo que passa inexoravelmente. Ele guarda os documentos que dão vida à sua história, guarda o tempo, tem a autoridade por ser proprietário de todo aquele conteúdo.

Em seu depoimento, o guardião do povoado alerta o entrevistador sobre o grande desvio que existe na história oficial da região, em prol da metrópole próxima, e em detrimento do povoado que, contudo, teria sido o responsável pela grandeza daquela cidade vizinha. Números, números, números... tudo é revelado em números e fatos na sala do memorialista, tudo para ratificar sua tese, sua coleção de eventos. Seu grande sacrifício está na sala ao lado, onde guarda os documentos que comprovam a sua construção de uma nova história do local, uma nova história da região. Tudo isso está sendo reunido, colecionado, para algum evento revelador, fantástico e bombástico – quando a força de sua narrativa vier a público – que vai ser realizado sempre no futuro. Típico dos memorialistas.

Mente, espírito e moral conservadora, tanto sob o aspecto ideológico como no congelar do tempo – para assim conservá-lo, portanto. Calhamaços de cópias cartoriais e fotos em preto e branco muito antigas pontilham a trajetória de vida do guardião da memória. Pilhas de papel sem fim revelam sua maneira de enxergar a divisão, a catalogação e a classificação da história daquele povoado.

Em suas “Teses sobre o conceito da história”, Walter Benjamin (1994) parece que vislumbra o nosso memorialista:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão

em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (Benjamin, 1994, p. 224-225).

Retornando à analogia entre o memorialista da pequena vila e o filme “O Sacrifício”, o colecionador de eventos do povoado oferece-se, com sua coleção, ao sacrifício de construir essa velha história, que seria a única e verdadeira. Se no filme o protagonista renuncia à sua própria voz como ato de sacrifício para salvar o mundo da Terceira Guerra Mundial, na vila essa renúncia plasma-se na não publicação do seu saber acumulado: ela nunca se materializa, e a redenção materializa-se justamente na salvação do povoado contra qualquer ameaça – inclusive histórica – de desintegração do local.

O conteúdo está todo lá, resguardado na morada do guardião e dificilmente sairá de lá editado para o público. É como se fosse uma garantia da não confrontação de suas teses com alguma academia, de maneira a preservar sua verdade da destruição por um possível descrédito. É a segurança de que a história, como ele vê, permanecerá daquela forma, intacta – e isso é muito comum entre os velhos memorialistas: a eterna postergação do lançamento do livro ou do resultado do trabalho. É como se acreditasse que mataria suas teses com a publicação, pois, a bem da verdade, trata-se de uma luta dele, que a ele pertence, da qual os outros moradores do povoado são meros coadjuvantes. Aquilo tudo não precisa necessariamente sair de lá para que a história exista, pois para o memorialista há sempre um risco de confrontação após a publicação e o tornar-se público.

Em “Uma palestra sobre o colecionador”, Walter Benjamin traça um paralelo quanto ao suscitado e pondera que:

Nunca ninguém procurou menos por detrás de alguém, e ninguém se sentiu tão bem nesse papel como aquele que pôde continuar a sua existência desacreditada atrás da máscara de Spitzweg⁶. Na verdade no seu interior alojaram-se espíritos, pelo menos geniozinhos que levam a que, para o colecionador – falo do autêntico, do colecionador como deve ser –, a posse seja a mais profunda forma de relação que se pode ter com as coisas, não por elas estarem vivas nele, mas porque é ele mesmo que vive nelas. O que fiz foi levantar diante dos vossos olhos uma das suas moradas, cujos tijolos são livros. E agora, como convém, o colecionador vai desaparecer dentro dela (Benjamin, 2018, p. 97).

Segundo o texto acerca da obra “O colecionador”, Benjamin (2018), *apud* Silva (2020) preconiza que

a desordem intrínseca à constituição da coleção prende-se com o impulso passional do colecionador, que o mesmo é dizer com a sua componente psicológica e motivacional que escapa à racionalidade linear, presente nos dados exatos referidos por Anatole France – a data de publicação e o formato in 8º ou in 4ª de um livro –, captada pelo inventário, ou melhor dizendo, pelo catálogo da biblioteca.

Também no mesmo texto, é localizada mais uma vez a aura de colecionador do memorialista do distrito:

⁶ Referia-se a Carl Spitzweg (1808-1885), pintor do “Realismo burguês” alemão, e concretamente a um dos seus quadros mais conhecidos: “Der Bucherwurm” [O Bibliomano], supostamente de 1850.

Desvenda-se, assim, a atividade nebulosa do colecionador, tensionada dialeticamente entre o polo da desordem e da ordem. Mas a par deste eixo central, Benjamin aponta ‘muitas outras coisas’, mas concentradas em dois tópicos com desenvolvimentos

- a) a relação enigmática com a propriedade
- b) a relação com as coisas que não prioriza o seu valor funcional, portanto a sua utilidade, estudando-as e amando-as ‘enquanto palco, teatro do seu próprio destino’ (Benjamin, 2018, p. 208 *apud* Silva 2020).

Por fim, o memorialista do povoado desempenha seu papel de colecionador da história, dos documentos, das fotos, do que ele enxerga como a memória do distrito, mas mantém, como é de praxe entre os memorialistas, todo esse conteúdo trancado em sua casa, apartado do conhecimento público: exclusivo, somente dele. É ele quem fala aos outros citando seus papéis, pois aqui a memória é ele e ele é o objeto. Como escreveu mais uma vez Benjamin sobre os colecionadores:

Só quero deixar mais uma nota: o fenómeno do colecionar perde o seu sentido logo que perde o seu sujeito. Se as coleções públicas podem ser vistas como menos chocantes pelo lado social e mais úteis pelo lado científico do que as privadas, o facto é que só nestas os objetos têm a sua razão de ser (Benjamin, 2018, p. 214 *apud* Silva (2020).

Considerações Finais

As reflexões que este estudo traz entre outras é a de que o sentido de “autoridade” da narrativa memorialista constitui a visibilidade do personagem e do agente social depoente. A “autoridade social”, percebida no lócus da história local, constrói-se pela coleta, pela descrição e pela narrativa do memorialista entrevistado. Nesse ambiente de forte contexto histórico do século XIX emana o arquivo pessoal, formado por inúmeros documentos copiados, colecionados e guardados minuciosamente por ele. Pressupõe-se, dessa maneira, a incorporação das narrativas memorialistas, autorizadas pela comunidade em que o próprio memorialista está inserido.

Analisa-se, a partir do documento/entrevista, a complexidade do gênero entrevista, apropriado como fonte de pesquisa construída por meio do encontro entre narrador e ouvinte, o qual se configura, portanto, como documento e com possíveis articulações teóricas, baseadas nos conceitos e nas práticas presentes da área em questão (memória coletiva), ou seja, direcionadas para os estudos amplos da Memória e dos diferentes vieses que se assumem nas áreas humanistas.

Infere-se, a partir destas reflexões que a “autoridade” do memorialista local sobre esses arquivos criou uma narrativa, na qual a história narrada interpreta-se e mescla-se à sua própria história familiar por meio de seus ascendentes, colonizadores e agenciadores de terras e da urbanidade. Não obstante, do quanto suscitado reforça-se o “poder” como elemento revelador de toda a história não oficializada do povoado e como agente social do que conta na entrevista coletada.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. (1994) Sobre o conceito de história. In *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- BENJAMIN, W. (2017) *Desempacotando a minha biblioteca. Uma palestra sobre o colecionador*. In *Imagens do pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas*. (João Barrento, Trad.) Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- BENJAMIN, W. (2018) *Imagens de pensamento*. (João Barrento, Trad). Lisboa: Assírio & Alvim.
- BURKE, P. (1992) *A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. (2. ed.) (Nilo Odalia, Trad.) São Paulo: Editora UNESP.
- CASTRO, A., Melo, C., Seabra, P., Costa, R. M. (2011) *O curso de licenciatura em Ciência da Informação na U. Porto: dez anos de actividade pedagógica e científica*. Porto: Edição: Faculdade de Letras e Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- CANDAU, J. (2013) *Antropologia da memória: epistemologia da sociedade*. Portugal: Piaget.
- ESPERANÇA, C. G. (2006) *Testemunhas ou fontes: relações e desencontros entre jornalistas e historiadores*. Em *Questão*, 12(2), 235-251.
- HALBWACHS, M. (1990) *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- LE GOFF, J. (1984) *Memória e história: documento/monumento*. Portugal: Einaude.
- TARKOVSKY, A. (Director) (1986) *O sacrifício* [DVD]. Suécia, França, 1986.
- SILVA, A. M. (2009) *Arquivologia e gestão da informação/conhecimento*. *Informação e Sociedade: Estudos*. 19(2), 47-52.
- SILVA, A. M. (2020) *O colecionador segundo Walter Benjamin ou um texto proto-sistémico*. Salvador: V Colóquio Medicina na Era da Informação. Mendifor.